MAIBI: a condição feminina no "Inferno Verde" de Alberto Rangel[1]

Marizeth Aguiar do Carmo[2]

Resumo: Esse artigo consiste em uma análise do conto *Maibi*, presente no livro *Inferno Verde* (1908), do autor Pernambucano Alberto Rangel. O objetivo deste estudo é mostrar a condição feminina no conto, apresentando a desvalorização e exploração feminina no período do ciclo da borracha na Amazônia. Para discutir a relação entre literatura e sociedade, utilizou-se teóricos como Candido (2006) e Goldmann (1976). Quanto a contextualização histórico e cultural sobre a literatura e a condição feminina na sociedade, buscou-se apoio em teóricas voltados para a questão feminista, como Alves e Pintaguy (1985), Beauvoir (1980), Nelly Coelho (1993), Heloísa Costa (2005) e outras. O recurso metodológico empregado na pesquisa foi bibliográfico, através de fragmentos do conto procurou-se analisar e demonstrar a condição de submissão e exploração a qual o ser feminina era submetido nos seringais amazônicos no período de extração do látex na Amazônia. Através de nossa análise foi possível concluir que a personagem *Maibi* é submetida a condição de mercadoria de alto valor comercial, representando, assim, a desvalorização social da figura feminina durante o ciclo da borracha.

Palavras-chave: Condição feminina, *Maibi*, ciclo da borracha na Amazônia.

Abstract: This article is an analysis of the tale Maibi present in the book Green Hell (1908), of the author Pernambucano Alberto Rangel. The aim of this study is to show the status of women in the story, showing the devaluation and exploitation of women in the period of the cycle of the rubber in the Amazon. To discuss the relationship between literature and society, it was used as a theoretical Candido (2006) and Goldman (1976). As a historical and cultural context of the literature and the status of women in the society , it search sought theoretical support focused on the feminist issue , as Pintaguy and Alves (1985), Beauvoir (1980), Nelly Rabbit (1993), Heloisa Costa (2005) and others. The methodological resource was used in the research to bibliographical, through fragments of the story tried to analyze and demonstrate the condition of submission and exploitation to which the female was to be submitted in the period of Amazonian rubber latex extraction in the Amazon. Through our analysis go possible concluded that the character Maibi is subject to commodity status of high commercial value, representing the social devaluation of the female during the cycle of the rubber in the Amazon.

Key-words: Condition feminine, Maibi, cycle of the rubber in the Amazon.

---

[1] Artigo desenvolvido como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob orientação da professora Mestra Joanna da Silva, a ser defendido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), também sob a coordenação da professora Joanna da Silva, do Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas.

[2] Acadêmica finalista do curso de Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa, do IEAA/ UFAM.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conto *Maibi*, presente no livro *Inferno Verde* (1908) do autor Pernambucano Alberto Rangel. A figura feminina apresenta papel importantíssimo no conto, pois é a personagem central e sua negociação desencadeia o desenvolvimento da narrativa, por isso a relevância em analisar sua condição social. Sabe-se através da história, que a mulher sempre ocupou posição inferior ao sexo masculino e foi vítima de abusos e opressões que a levaram, nos últimos séculos, a lutar por seus direitos políticos e sociais revertendo essa condição de inferioridade.

A condição feminina na sociedade é foco de estudos literários feministas que procuram explicar a desvalorização e os preconceitos sofridos pela mulher durante séculos, bem como a busca por igualdade social reivindicada nos movimentos feministas. O objetivo desse trabalho é mostrar a condição feminina no conto *Maibi*, que apresenta um período histórico marcado por injustiça e desvalorização do sexo feminino. A extração da borracha na Amazônia foi uma época em que a floresta e a vida humana passaram a ser exploradas em benefício de um progresso baseado da semi-escravidão dos seringueiros e das mulheres que apareciam nesses ambientes.

Embasados nas teorias dos autores literários que discutem a relação entre literatura e sociedade, e das teóricas feministas que falam da literatura e da condição feminina da sociedade, propõe-se evidenciar a posição feminina da personagem *Maibi* no seringal amazônico. Para comprovar a posição social ocupada pela personagem serão utilizados fragmentos do conto que apontam a condição comercial reservada ao sexo feminino nesse período histórico e a desvalorização social da mulher.

Para tanto, a presente análise terá como suporte teórico pesquisas bibliográficas pautadas em autores como Antonio Candido (2006) e Goldmann (1976) que discutem a relação entre literatura e sociedade, além das teóricas que falam do feminismo, como Alves e Pintaguy (1985), Beauvoir (1980), Nelly Coelho (1993), Heloísa Costa (2005) e outras, que nos possibilitarão, no presente artigo, uma fundamentação teórica capaz de subsidiar a discussão a cerca da condição feminina da personagem Maibi, presente no conto que leva seu nome como título e que, aqui, será tomado como objeto de análise.

2. Literatura, história e sociedade

2.1 A literatura enquanto representação histórico-social

A relação entre literatura, história e sociedade há muito tem sido tema de estudos e pesquisas no campo literário, tamanha a analogia existente entre estas áreas de conhecimento. Tal afirmativa pauta-se na maneira como o texto literário constantemente se atualiza enquanto expressão social e instrumento de (re)conhecimento da realidade, do mundo, de nós mesmos e do Outro, uma vez que a literatura, além de expressar o mundo, é também uma forma de ver, imaginar e problematizar conflitos relacionados a valores sociais e culturais de determinadas épocas ou períodos históricos, surgindo daí a busca por conhecer e compreender a sociedade, inserida em determinado período histórico, através da representação que se faz presente em obras dos mais diversos movimentos literários já ocorridos.

Como ser humano integrante de uma sociedade, o homem sente necessidade de expressá-la por meio da arte, por isso certas obras literárias possuem dimensões sociais tão evidentes que chamam nossa atenção para questões históricas ou críticas nelas contidas, sejam temas ligados ao ambiente, costumes, manifestações de grupo ou de classe, que atuariam como fatores a despertar nossa atenção para a busca de um significado mais amplo e profundo contida na obra literária. O crítico literário Antonio Candido, na obra *Literatura e Sociedade*, legitima nosso pensamento acerca da função representativa da literatura ao afirmar que "a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo" (2006, p.65).

A obra literária, ainda segundo Candido (op. cit. p.35), deve ser compreendida como veículo das aspirações individuais mais profundas do autor, uma vez que a mesma retrata o trabalho de um indivíduo participante do coletivo, cujas impressões, aspirações e críticas surgem em torno de temas mais amplos, voltados para aspectos sócio-culturais condizentes ao interesse do público. Porém, Candido faz questão de ressaltar o cuidado que devemos tomar ao inferirmos nosso olhar, de maneira crítica sobre o texto literário, pois segundo ele, devemos sempre ter consciência da "relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece entre a realidade, mesmo quando pretende observá-la

e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poiese.” (op. cit, p. 22).

Em relação à verossimilhança presente no texto literário, Brito & Santos (2008) reforçam a idéia defendida por Candido, fazendo o seguinte esclarecimento:

> Uma obra não traduz fielmente a sociedade que a comporta, isso talvez nenhuma forma narrativa o faça. No entanto, é nos tipos, nas referências, nos valores morais, nas tomadas de posição etc. que a sociedade exige e coloca, que a criação artística irrompe e se alimenta. Afinal, os escritores só podem compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período histórico (2008, p. 8-9).

Historicamente a obra literária, em especial o romance, foi considerando durante um determinado período como mera descrição ou reprodução da realidade. A esse respeito, Lucien Goldmann afirma que, sendo “o romance, durante a primeira parte da sua história, uma biografia e uma crônica social, sempre foi possível mostrar que a crônica social refletia, mais ou menos, a sociedade da época” (1976, p.14). Sabe-se, atualmente, que a obra literária não pode ser tomada como algo verídico ou mera reprodução da realidade, tamanha sua competência e poder criativo do autor, mas sim como uma representação do real, cuja capacidade e amplitude artística buscam realizar-se no âmbito da ficção, embora tome por base a realidade histórica-social concreta, uma vez que, ainda citando Goldmann, “seria difícil imaginar que ela pudesse ter nascido um dia da estrita invenção individual, sem fundamento algum na vida social” (op. cit. p 15).

Este é um fato tão evidente que dispensa maior enunciação, pois de acordo com Candido, considerar que a obra literária “exprime a sociedade constitui hoje verdadeiro truísmo” (CANDIDO, 2006, p.29), já que a obra literária nasce da estreita ligação entre o artista e as condições sociais nas quais encontra-se inserido. Portanto, a discussão sobre a relação entre literatura, história e sociologia é muito significante entre estudiosos dessas áreas, porém, devemos ter sempre em mente, de acordo com os posicionamentos críticos acima apresentados, que a obra literária não tem a finalidade de reproduzir com fidelidade e exatidão uma determinada realidade sócio-cultural, mas sim representá-la e problematizá-la junto ao público leitor.

2.2 A literatura e a condição feminina na sociedade

Resultado de um longo e complexo processo de construção histórica e ideológica ao qual foi submetida dentro do sistema patriarcal, a mulher teve ao longo dos anos sua conduta social ditada segundo os preceitos de uma ideologia dominadora e opressora que determinava para o ser feminino uma posição inferior a do masculino, seja no papel de frágil, submissa, "companheira" e/ou procriadora, entre outros.

A condição social da mulher, de inferioridade e subordinação, imposta pelo homem realizou-se durante séculos e em várias partes do mundo. Alves e Pitanguy afirmam que na Grécia antiga a mulher exercia a mesma posição de um escravo, ou seja, a elas eram reservados trabalhos manuais não praticados pelos homens livres, além disso, eram excluídas das atividades consideradas nobres. Para a classe feminina restava funções desvalorizadas pelos homens, além da responsabilidade pela reprodução da espécie humana:

> [...] a mulher não só gerava, amamentava e criava os filhos, como produzia tudo aquilo que era diretamente ligado a subsistência do homem: fiação, tecelagem, alimentação. Exercia também trabalhos pesados como a extração de minerais e o trabalho agrícola. (ALVES e PITANGUY, 1985, p.11-12).

Historicamente, a condição feminina na sociedade foi sempre marcada pela exclusão e marginalidade. No final da Idade Média as mulheres foram vítimas de uma terrível perseguição, isso devido ao extremo fanatismo religioso da Igreja. Nesse período ocorreu a "caça as bruxas", episódio histórico que ficou conhecido como Inquisição, no qual várias mulheres foram assassinadas na Europa e nas Américas. Essas mulheres foram perseguidas e executadas por almejarem ocupar espaço idêntico ao dos homens, e estes, que se julgavam superiores e dominadores, não aceitavam que a mulher atuasse em esferas reservadas exclusivamente ao sexo masculino. Para Alves e Pitanguy, "a mulher tida como bruxa, supostamente possuiria conhecimentos que lhes confeririam espaços de atuação que escapavam ao domínio masculino" (op. cit. p.21).

Ainda segundo essas autoras, as mulheres na época medieval estavam submetidas aos dogmas da Igreja Católica Romana, instituição responsável pela Inquisição e, predominava uma dualidade de ideia em relação as figuras femininas, ora

tida tidas como “santas”, ora como “demoníacas”. As figuras “santas” correspondiam as mulheres submissas que representavam o papel da boa esposa, cuidadora do lar e obediente ao marido e as doutrinas da Igreja. Enquanto as consideradas “demoníacas” correspondiam às mulheres críticas, idealistas que possuíam conhecimentos considerados avançados para a época, principalmente, sobre plantas medicinais, eram tidas como tentadoras, pecadoras, infiéis e bruxas.

Simone de Beauvoir (1980), em sua teoria existencialista sobre o feminismo, afirma que a sociedade antropocêntrica sempre colocou a mulher na condição de Outro e são as ideologias construídas pela sociedade desde os primórdios da história humana que inferiorizam a mulher em relação ao homem:

> A história mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos: desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro. (BEAUVOIR, s.d, p.179).

A condição de submissão feminina sempre foi conveniente aos interesses do homem que procurou de todas as maneiras conservar a mulher em estado de dependência. De acordo com Beauvoir, a classe feminina não tinha sua própria história, estando a mercê do patriarcalismo que ditava seu padrão comportamental, pois para o sexo masculino era vantajoso ter a mulher sempre subserviente e companheira (op. cit. p.169).

Decorrente das grandes injustiças sofridas pelas mulheres ao longo da história, o movimento feminista surgiu a partir da segunda metade do século XIX visando melhores condições de vida e igualdade para as mulheres, o qual obteve grande adesão nos Estados Unidos e na Inglaterra, onde as feministas reivindicavam principalmente direitos civis, como o voto, já que eram exclusas da política e de várias outras áreas das esferas sociais.

Os últimos séculos foram de lutas feministas em todo o mundo para reverter esse papel de submissão, dependência e, principalmente, de exploração ao qual a mulher encontrava-se submetida. A partir de então muitas conquistas foram obtidas pelas mulheres, graças aos movimentos feministas que se fixaram em vários países, dentre as quais estão: direito ao o voto, ao divórcio, a educação superior, etc.

No entanto, apesar de toda essa luta em prol de seus direitos, a condição da mulher passa a ser mais significante em relação ao passado somente a partir do século XXI. Autonomia esta que ainda pode ser considerada relativa, pois em muitos países do mundo a mulher ainda encontra-se em uma posição de total marginalidade em relação ao sexo masculino como, por exemplo, em alguns países do Oriente Médio, onde o sexo feminino ainda costuma ser considerado sinônimo de submissão.

Mary Del Priore (1998), afirma que um dos primeiros objetivos dos movimentos feministas "consistia em aprender o passado legítimo das mulheres, introduzindo-as, definitivamente, na história" (p. 217), já que era uma classe sem história. Aos poucos, elas foram abandonando a condição silenciosa a qual tradicionalmente foram submetidas e passaram a exigir seus direitos mostrando que tinham "voz e vez", e que por isso também mereciam serem ouvidas. Assim iniciou-se a história feminina.

Beauvoir (op. cit.) afirma que a mulher sempre foi marginalizada socialmente, historicamente e literariamente porque os homens sempre foram os grandes responsáveis pela proclamação do mundo, "a representação do mundo, como o próprio mundo, é operação dos homens; eles o descrevem do pondo de vista que lhes é peculiar e que confundem com a verdade absoluta" (BEAUVOIR, 1980, p. 183). A autora diz ainda que, as mulheres nunca tiveram quem as proclamasse, por isso sempre foram alocadas como o Outro, o outro sexo.

Em decorrência da figura feminina ter sido, inicialmente representada na literatura por autores do sexo masculino, surgiram muitas personagens incompreensíveis e ambíguas aos olhos dos leitores, ou seja, personagens que não representam a mulher em sua totalidade, porém essa contradição em relação as personagens femininas é resultado da função autoral influenciada por ideologias culturais de determinados períodos históricos. Beauvoir faz uma descrição coesa dessa contradição apresentada pelas personagens femininas em várias obras literárias:

> É um ídolo, uma serva, a fonte de vida, uma fôrça das trevas; é o silêncio elementar da verdade, é artifício, tagarelice e mentira; a que cura e a que enfeitiça; é a prêsa do homem e sua perda, é tudo o que êle quer ter, sua negação e sua razão de ser. (op. cit. P. 183)

Segundo Níncia Teixeira (2009), a representação literária feminina é decorrente de fatores históricos e culturais, "ao representar a figura feminina, constrói-se, projeta-

se e estabiliza-se a identidade social, em processos definidos histórica e culturalmente" (p.85). A respeito desta representação literária feminina idealizada a partir de fatores históricos e culturais, Zolin acrescenta que,

> [...] o exame cuidadoso das relações de gênero na representação de personagens femininas (...), aponta claramente para as construções sociais padrão, edificadas, não necessariamente por seus autores, mas pela cultura a que eles pertencem, para servir ao propósito da dominação social e cultural masculina (ZOLIN, 2003, p. 170).

Desta maneira, as personagens femininas apresentam-se estereotipadas pelos valores culturais advindos da função autoral, como revelam as obras das primeiras vertentes literárias brasileiras, por exemplo, em que se tem a mulher associada a santidade ou ao pecado, isso devido a ideologia religiosa propagada nos primeiros séculos da colonização brasileira e difundidas pelo Arcadismo e pelo Barroco. Nesses movimentos nota-se que a mulher é associada ora à imagem de Maria: representando a mulher "ideal", companheira, boa esposa, boa mãe e boa serva, ora relacionada à figura de "Eva", que seria a mulher "profana", insubordinada, rebelde, irreverente, chegando a ser também considerada como "mulher perdida", segundo o estereótipo cultural daqueles séculos**.**

Segundo Heloísa Costa (2005), as obras pertencentes aos movimentos literários nos possibilitam compreender a representação e a condição atribuída às mulheres, os estereótipos da figura feminina definidos pelos autores, além da submissão e do preconceito contra a mulher, principalmente a indígena. A autora afirma que no século XIX, o movimento romântico foi responsável por apresentar "sempre a figura de uma mulher frágil, pura, submissa e da sublimação sexual, acompanhada de um erotismo cultivado" (p.131).

No movimento Indianista, ainda segundo Heloísa Costa, "as figuras femininas refletem o preconceito da época" (op. cit. p.131), a autora faz essa afirmação considerando o romance *O Guarani* de José de Alencar. Segundo Costa, "quem se apaixona por Peri não é a figura da mestiça Isabel, mas sim a singela Ceci, da aristocracia branca" (p.131). Para a autora, Isabel era descrita de maneira inferior à Ceci, personagem branca, bonita e pura. Isabel sofre preconceito por ser mestiça e não pertencer à raça branca, enquanto Ceci é a moça respeitosa do romance, Isabel é apenas

desejada sexualmente. Assim, a personagem Isabel revela o preconceito vivido no século XIX pela classe feminina mestiça e/ou indígena e a condição a qual estavam submetidas, já que eram tidas como raça inferior e utilizadas apenas como objeto sexual.

Já no movimento Realista, a partir da segunda metade do século XIX, Machado de Assis, principal representante desse movimento no Brasil, se preocupou em criar uma representação diferente e menos mitificada para a mulher de sua época, criação esta que podemos conferir em obras como *Dom Casmurro* (1900), *Quincas Borba* (1891), *A Cartomante* (1884), entre outras, nas quais buscou revelar de maneira mais concreta e real os dramas vividos pela mulher de sua época, tais como, "o dilema do casamento contingente para a mulher, o drama da solteirona, os preconceitos de cor, as diferenças sociais, a necessidade de ascensão social e 'o negócio' no casamento." (COSTA, 2005, p.131-132).

No Modernismo tem-se a personagem feminina retratada de maneira mais independente, inclusive já com autoras femininas consagradas nesse período literário, como por exemplo, as autoras brasileiras Clarice Lispector, Raquel de Queirós, Cecília Meireles e outras, que buscaram revelar em suas obras a ousadia e plenitude da mulher moderna.

Dentre os romances modernos que apresentam a figura feminina mais livre, independente, sensual, e até "ousada", pode-se citar *Gabriela, cravo e canela* (1958), de Jorge Amado, uma personagem que simboliza o princípio de libertação da condição opressora imposta pela sociedade patriarcal, além de expressar a sensualidade da mulher e o desejo de liberdade feminina, pois Gabriela sentia-se presa em seu casamento e acaba traindo Nacib, seu companheiro, em decorrência de considerar-se livre e ter repudio a qualquer forma de aprisionamento ou dominação. Em *Tieta do Agreste* (1977), também de Jorge Amado, tem-se uma personagem forte que após ser expulsa de casa torna-se uma mulher rica e poderosa. Já na obra *As Três Marias* (1939), de Raquel de Queirós, a autora discute temas como a busca por liberdade e independência pelas personagens femininas principais (SARMENTO & TUFANO, 2004, p.147-149).

Na contemporaneidade surge uma nova mulher, mais consciente, amadurecida, corajosa e, ao mesmo tempo, instável quanto a questões amorosas e emocionais. Para Nelly Novaes Coelho (1993), a mulher contemporânea é cada vez mais crítica e forte:

“Desse amadurecimento crítico resulta, na literatura, a presença cada vez mais nítida de uma nova consciência feminina que tende, cada vez com mais força e lucidez, a romper os limites do seu próprio Eu [...] para mergulhar na esfera do Outro.” (COELHO, 1993, p.16). Ainda segundo Coelho (op. cit.), o “Outro” condiz com o ser humano que vive no mundo em crise, ou seja, a mulher contemporânea não se sente mais excluída, mas vê-se como parte integrante da sociedade.

É como parte integrante da sociedade que a mulher contemporânea participa socialmente, politicamente e culturalmente da sua comunidade, tendo espaço e voz para manifestar sua insatisfação e inquietude. Essas manifestações ganham força no campo literário atual ao representar o ser feminino em toda sua complexidade, característica própria do ser humano. Segundo Coelho, a literatura contemporânea “expressa claramente o rompimento da polaridade maniqueísta inerente à imagem padrão da mulher (anjo/demônio; esposa/cortesã; ‘ânfora do prazer’/‘porta do inferno)” (1993, p.16).

Logo, na contemporaneidade a figura feminina assume uma nova condição, pois ela não mais assiste passivamente o desenvolvimento da sociedade, ao contrário, participa ativamente em diversas esferas sociais. Essa mulher contemporânea está conquistando pouco a pouco seu espaço e quebrando de vez a imagem padronizada que durante séculos predominou no universo social e literário.

3. A condição feminina na Amazônia do primeiro período de colonização ao ciclo da borracha

3.1 O primeiro período de colonização na Amazônia

No século XVII, quando a Amazônia começou a ser povoada em seus interiores, o autor Reis (1977), comenta que a mulher indígena aparece na posição de companheira dos novos colonizadores e assemelha esse episódio regional com a própria colonização do Brasil no século XVI, no qual a figura feminina indígena tornou-se parceira dos primeiros colonos conquistadores do país: “na Amazônia, no século XVII, ocorreu o mesmo. A mulher indígena foi companheira do sertanista. Ajudou-o na penetração da hinterlândia. Ensinou-lhe os segredos da floresta e assegurou-lhe a continuidade da espécie.” (p. 237).

A extração e comercialização da borracha na Amazônia representou seu segundo ciclo de colonização. Descoberta pelo naturalista francês Charles Marie la Condamine que a revelou na Acadêmia de Ciências da França no ano de 1774, segundo Márcio Souza (2009), a borracha já era conhecida pelos povos indígenas amazônicos que produziam botas, bolas, garrafas e outros utensílios com o látex, substância branca que escorre das árvores de seringueiras quando perfuradas.

De acordo com Souza (op. cit.), "a borracha foi descoberta aos poucos como matéria-prima, numa lenta aceitação como produto comercial, tão lenta que ninguém podia prever a importância que iria adquirir na segunda metade do século XIX" (2009, p.238). A atividade de exploração da borracha ocorreu a partir da década de 1850 na região Amazônica, onde desevolveu-se a extração e comercialização desse produto em quantidade significativa.

Na formação dos primeiros seringais amazônicos, antes da chegada dos imigrantes a região, a figura feminina faz-se presente na condição de esposa e exerceu também atividades de fundo econômico: "a mulher desempenhou um grande papel não só pelas atividades domésticas diárias, mas, igualmente, pelas atividades de fundo econômico, como a lavradora das espécies alimentícias ou destinadas ao comércio." (REIS, 1977, p.238).

3.2 O ciclo da borracha na Amazônia e sua representação literária

A partir de 1870 ocorre na Amazônia o auge do primeiro ciclo de exploração e comercialização da borracha. Nordestinos tangidos pela "grande seca" que assolava suas terras entre os anos 1877 e 1899, e outros imigrantes de diversas partes do Brasil e do mundo, inclusive trabalhadores vindos de países vizinhos como Peru e Bolívia, todos iludidos por falsas promessas de trabalho e riqueza, vieram para a região e embrenharam-se nos seringais na esperança de "fazerem a vida" para retornarem a sua terra natal. Segundo Lucilene Gomes,

> O "ciclo da borracha" é um evento na história econômica da Amazônia[...]. Da atividade extrativa decorrem também outros fatores, como a conquista do Acre e a construção da ferrovia Madeira-mamoré [...]. A seca nas zonas agrestes do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e outros estados nordestinos também está estreitamente ligada ao Ciclo à medida que os milhares de nordestinos

> banidos por esse flagelo formaram o grande contingente de trabalhadores nos seringais do Pará, Amazonas e Acre (LIMA, 2009, p. 25-26)[3].

Segundo Márcio Souza (2009), esse primeiro ciclo da borracha começou a partir da década de 1870, no governo de Tenreiro Aranha, e foi até 1913, quando o preço da borracha caiu no mercado internacional devido a concorrência com a Malásia, país que contrabandeou anos antes as sementes de seringueiras silvestres através do inglês Henry Alexander Wickham. Em relação a este fato, Lima faz o seguinte comentário: "O roubo das sementes da hévea foi um ponto discutidos por estudiosos de procedências diversas de conhecimento, com estudos nem sempre confluentes" (LIMA, op. cit. p. 14).

Segundo o historiador Emmanuel Gomes na obra *História de Todo Mundo. Um olhar sobre a História "Regional"* (2004), passados os anos eufóricos da prosperidade na Amazônia, essa região viveria outra vez a "febre" da borracha, denominado "segundo ciclo da borracha", que ocorreu em concordância com a Segunda Guerra Mundial de 1942 a 1945, período de menor imigração para a região uma vez que forças japonesas dominaram militarmente o Pacífico Sul e invadiram a Malásia, onde o controle dos seringais de cultivo passou para as mãos dos nipônicos, o que culminou na redução da produção da borracha asiática.

Várias obras literárias, escritas por pessoas que estiveram nos seringais trabalhando, ou moravam na região descreveram e/ou relataram fatos ligados a essa época. Obras como: *Inferno Verde* (1908), escrita pelo brasileiro Alberto Rangel que morou e trabalhou na região Amazônica de 1901 a 1905 como engenheiro civil**.**

Também José Maria Ferreira de Castro, que emigrou para o Brasil em 1911 em direção a região Amazônica em busca exílio político após ser expulso de Portugal por lutar com os republicanos em favor da queda da monarquia em Portugal. Ao chegar ao Brasil, Ferreira de Castro instalou-se primeiro em Belém do Pará. Por imposição do padrinho que lhe dera abrigo em Belém, parte para o seringal Paraíso**,** localizado às margens do rio Madeira onde viveu e trabalhou por cerca de quatro anos em condições de extrema miséria e semiescravidão, assim como os demais trabalhadores seus colegas de profissão. Esse período de vivência no seringal amazonense (humaitaense), em contato direto com a realidade sofrida e injusta vividas pelos trabalhadores do seringal

---

[3] A obra *Ficções do ciclo da borracha*, de autoria de Lucilene Gomes Lima originou-se de sua Dissertação de mestrado publicada em 2009 pela editora da Universidade Federal do Amazonas.

serviria de base para mais tarde, quando retornasse à sua terra natal, produzisse o romance *A Selva* (1930), cujo foco principal é a denúncia social. O romance inicia-se descrevendo uma natureza de forma idealizada, mas depois a mesma torna-se metafórica, a partir do momento em que é internalizada no homem por meio de seus instintos selvagens, animalescos e primitivos. Com esta obra, *A Selva*, o autor inaugura o movimento naturalista em Portugal, que contribuiria para torná-lo um consagrado escritor português.

Já o autor Álvaro Maia, um importante escritor amazonense, atuou como educador, poeta, orador, jornalista, também exerceu cargos políticos como Senador e Governador do Estado, e também ajudou a fundar a Academia Amazonense de Letras em 1918. Filho de seringalista, Álvaro Maia nasceu e morou parte de sua infância no seringal Goiabal, localizado também às margens do Rio Madeira, próximo à cidade de Humaitá. Sua vivência no seringal, onde ouvia história e lendas, mais tarde serviria de base para suas narrativas. Combateu veementemente, segundo Gomes (2011), a denominação, segundo ele, "paradoxal e errônea" dada a esta terra "- Inferno verde? Não. Eldorado verde! Paraíso verde!". Em sua narrativa Álvaro Maia faz o casamento de dois povos que se aproximaram em função da febre da borracha: o nordestino e o amazonense.

As obras de Álvaro Maia pertencem ao Modernismo brasileiro. Publicadas a partir de 1943, guardam estreita relação com a proposta da Segunda Fase Modernista (1930 - 1945). A Literatura Brasileira da época explorou a seca nordestina e as consequências sociais dela advindas. Com obras de cunho social, Álvaro Maia inaugura na prosa de ficção amazonense uma tendência de denúncia do extrativismo e identificação com o homem interiorano. Trata-se de um acurado estudo e observação da sociedade degradante no interior do Amazonas.

Historiador de fatos e tipos humanos, com sinais da terra, das florestas das águas, dos lugarejos, dos barracões dos seringais, dos dramas de adultérios, das lutas por mulher, das pragas de insetos, de desesperos humanos, sua narrativa busca retratar as condições da gleba, a estrada, a dialética, os hábitos, o lendário, o místico, a criminologia, as revoltas, as fugas de dentro da floresta, a fé, o amor, as técnicas, o trabalho, a medicina caseira, o caçador, o regatão, o banditismo, a politicagem; tudo isso ressalta das páginas vibrantes dos livros de Álvaro Maia em obras como *Na Vanguarda*

da Retaguarda (1943)**,** *Gente dos Seringais* (1956), *Beiradão* (1958), *Banco de canoa* (1963), entre outras (GOMES, 2011).

Para Heloísa Costa, o período de exploração da borracha criou um sistema interligado que possibilitou o crescimento econômico da região amazônica nesses anos: "a borracha criou uma rede hierárquica de dependência: seringueiro->seringalista->aviador->exportador->capital externo" (2005, p.69). Assim, o seringueiro dependia do proprietário do seringal, o seringalista, para trabalhar. Enquanto este dependia do aviador, proprietário das "casas aviadoras", para lhe fornecer mercadorias. Já os aviadores dependiam da exportação da borracha que, por sua vez, necessitava do capital externo para ser comercializada com outros países.

As "casas aviadoras" consistiam em um tipo de comércio específico da época que auxiliavam os seringalistas, fornecendo-lhes todos os tipos de mercadorias, processo esse responsável pelo endividamento dos homens recém-recrutados com as casas de aviamento, uma dívida que, segundo Euclides da Cunha, na obra *À margem da História*, torna-se responsável por escravizá-lo:

> No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Pará (35$000), e o dinheiro que recebeu para preparara-se (150$000). Depois vem a importância do transporte numa *gaiola* qualquer de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de 150$000. Aditem-se cerca de 800$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um rifle (carabina winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais (CUNHA, 1999, p.13).

E, nesse esquema de exploração e dependência, a figura feminina surge como uma espécie de mercadoria necessitada para suprir os instintos sexuais do seringueiro. É disponibilizado pelas "casas aviadoras", uma vez que este era obrigado a deixar a família e vir trabalhar no seringal na condição de "solteiro", assim a presença feminina nos seringais insere-se também nesse processo de dependência e comercialização praticada nos seringais.

3.3 A presença da mulher nos seringais amazônicos

Poucas eram as mulheres que circulavam pela região amazônica durante o ciclo da borracha, ou eram as esposas e filhas dos proprietários dos seringais, ou eram as mulheres "produtos/objetos", comercializadas nos seringais e cedidas aos seringueiros com saldo positivo. Essas mulheres vinham para os seringais sobre encomenda dos seringalistas, eram mercadorias de cobiça e disputa entre os seringueiros, e assim, tornavam-se vítimas dos mais cruéis abusos físicos, morais e sexuais. Arthur Cezar Ferreira Reis, na obra *O seringal e o seringueiro*, procura explicar como se dava a presença feminina nesses locais:

> E a presença de mulher nos seringais, no sistema de exploração sem freios que envolvia todo o negócio da produção da borracha, passou a constituir mais uma página do sistema. Os seringueiros, no seu infortúnio, encomendavam aos "patrões" e estes às "casas aviadoras", mulheres, como encomendavam gêneros alimentícios, utensílios, roupas, etc. Verdadeiras mercadorias, entravam nas contas, escrituradas pelo guarda-livros como quaisquer outros objetos de uso diário (REIS, 1977, p. 240).

Como se pode ver, a mulher é inserida nos seringais nesse período de exploração da borracha como um produto de comercialização entre seringalistas e seringueiros. O autor Márcio Souza (1977), também comenta sobre a rara presença da mulher nos seringais amazônicos e sobre as terríveis condições a que eram submetidas. Para ele, havia uma enorme contradição entre as mulheres destinadas aos seringueiros e as desfrutadas pelos coronéis/seringalistas, pois os seringueiros tinham que se contentar com as mulheres do pior nível de prostituição, enquanto os coronéis divertiam-se com as francesas que trabalham nos cabarés de alta classe, além deles terem suas esposas em casa.

> A presença feminina no seringal era rara e quase sempre em sua mais lastimável versão. Para os seringueiros isolados na floresta e presos a um trabalho rotineiro, geralmente homens entre vinte e trinta anos, portanto premidos pelas exigências de seu vigor, a contrapartida feminina chegava sob a forma degradante da prostituição. Mulheres velhas, doentes, em número tão pequeno que mal chegavam para todos os homens, eram comercializadas a preço aviltante. Enquanto o coronel podia contar com as perfumadas *cocottes*, além de suas

> esposas, o seringueiro resvalava para o organismo, para a bestialidade e práticas homossexuais (p.99).

Durante esse período histórico de exploração e exportação da borracha, a mulher aparece descrita de três categorias distintas: como prostituta feia, predestinada a servir os seringueiros; como prostituta bonita, destinada a servir os coronéis nos cabarés; e como esposa honrada, destinada a cuidar do lar e do esposo, geralmente essas eram as posições ocupadas pelas mulheres da época.

Márcio Souza complementa ainda a informação dizendo que, "esta contradição legou uma mentalidade utilitarista em relação à mulher" (1977, p. 99). Esse autor e conceituado historiador faz uma dura crítica à posição feminina na Amazônia antes e durante o ciclo da borracha, exemplificando que a mulher sempre esteve em pleno estado de submissão e, devido ao período da borracha, época de maior imigração do sexo masculino para a região, essa situação piorou, uma vez que o sexo feminino passou a ser visto como mercadoria de alto valor.

> Na sociedade tribal amazônica, a mulher estava integrada sob diversas formas de submissão. Com o extrativismo da borracha, onde a procura era maior que a oferta, ela seria transformada em bem de luxo, objeto de alto valor, um item precioso na lista de mercadoria, uma mobília. A sociedade do látex tornar-se-ia uma sociedade falocrata que daria a mulher uma utilização tão abertamente quanto a forma de explorar a força de trabalho do seringueiro. (SOUZA, 1977, p. 99)

A partir dessa discussão acima realizada, podemos constatar que a figura feminina, assim como os seringueiros, foram vítimas de exploração, cada um a seu modo, em benefício dos seringalistas e de um desenvolvimento surreal para a Amazônia. A mulher, em condições ainda piores (como mercadoria de utilidade sexual), tramita nas mãos daqueles homens "de saldo", que possam pagar pelo seu uso e posse.

4. Alberto Rangel e sua obra

Alberto do Rêgo Rangel nasceu em 1871 na cidade de Recife, aos 17 anos de idade começou estudar na Escola Militar da Praia Vermelha no Rio de Janeiro, onde conheceu seu grande amigo Euclides da Cunha. Segundo Rafael Voigt Leandro (2009), após formado engenheiro militar pediu baixa do serviço militar e foi para Manaus

trabalhar para o governo do Amazonas como engenheiro civil. Nesse período escreveu o livro *Inferno Verde* (1908), e solicitou a Euclides da Cunha que fizesse seu prefácio. Em seguida casou-se e foi para Europa, onde imprimiu a primeira edição da obra.

Na Europa serviu ao governo brasileiro como diplomata em vários países. Faleceu no ano de 1945, em Nova Friburgo no Rio de Janeiro. Além da obra *Inferno Verde* (1908), escreveu o conto *Quando o Brasil Amanhecia* (1915) e obras como: *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos* (1912), *Fura Mundo (1922)*, *Lume e Cinza (1924)*, *Textos e Pretextos* (1926), *Gastão de Orléans* (1935) e *A Educação do Príncipe* (1945), seu último trabalho em vida.

A obra *Inferno Verde*, publicada em (1908)[4], ganha grande estaque, pois é vista como uma obra original e surpreendente ao retratar o extermínio de nordestinos e caboclos, hora vistos como seres brutos e incapacitados do processo civilizatório. Segundo Euclides da Cunha, ao prefaciar a obra, diz:

> O *Inferno Verde*, a começar pelo título, devia ser o que é: surpreendente, original, extravagante; feito para despertar a estranheza, o desquerer, e o antagonismo instintivo da crítica corrente, da crítica sem rebarbas, sem arestas rijas, lisa e acepilhada de ousadias a traduzir, no conceito vulgar da arte, os efeitos superiores da cultura humana (CUNHA In RANGEL, 2008, p. 23).

Esta obra possui uma estrutura moderna de leitura, pois segundo Krüger (2008), no estudo crítico intitulado *Grande Amazônia: Veredas*, presente na 6ª edição, esta obra pode ser lida de duas maneiras: sequencial, como romance dividido em capítulos, ou em forma de contos. Sendo assim, o livro é composto de onze contos, narrados pela figura de um narrador-viajante, onisciente e onipresente.

Através do conto *Tapará* o leitor é conduzido mata a dentro observando-se a força e o percurso da natureza. Já no conto *Um conceito de Catolé* percebe-se a luta a favor do processo de escravidão do personagem João Catolé, que viera expulso pela seca no nordeste, esse personagem emite um parecer sobre a região e a raça que a habita. Em *Terra Caída*, destaca-se as transformações realizadas pela natureza, que podem ocorrer de forma repentina. É nesse grande universo de diferenças e contradições que empreende-se o paradoxo que se cria diante do acolhimento que Flor dos Santos oferece com sua *Hospitalidade.*

---

[4] Em nosso trabalho utilizaremos a 6ª. edição, publicada pela editora Valer, em 2008.

Em *A Decana dos Mura* é a índia velha e abandonada cuja nação lutou contra os invasores. Ela não perde seu espírito combativo o qual exterminou seu povo com a chacina praticada a mando do governador Ruiz Vaz de Siqueira, restando do terrível massacre apenas a *Decana* testemunha, guardiã da história de seu povo. *Um Homem Bom* trás a representação irônica de um homem que comete atrocidade, no entanto, é visto como atos comuns. O narrador conta um episódio envolvendo um patrão que teve no Ceará, chamado "coronel" Távora. O imigrante exalta as qualidades do antigo patrão e as atrocidades que ele cometia, como a de mandar arrancar o coração da esposa.

O conflito pela terra protagoniza o conto *Obstinação*, trata-se da disputa pela posse da terra entre o caboclo Gabriel, um pequeno proprietário, e um coronel Roberto, grande latifundiário. *A Teima da Vida* retrata situação social do seringueiro e sua família, a luta contra as moléstias e doenças as quais estão constantemente expostos. *Pirites* é o mote para a ambição desenfreada que culmina no assassinato de pessoas inocentes para se apossarem de pedras sem valor.

O conto *Maibi*, tomado aqui como nosso objeto de análise, trás a figura feminina representada na condição de mercadoria entre seringalista e seringueiros no seringal Soledade. Narra a história da cunhã *Maibi*, cabocla linda, que futuramente serviria de "enguiço núbil" na vida do seringueiro Sabino.

Casaram-se no lago do castanho, cuja companhia tornara mais doce a exitência de seu marido Sabino, mais conhecido como "o Sabino da *Maibi*". Porém, devedor ao proprietário do seringal, Sabino foi obrigado a ceder a esposa ao colega de profissão, Sérgio, que tinha saldo e poderia ser dar ao luxo de se manter ao lado de uma companhia feminina. Mesmo tendo saldado a dívida, após a negociação, o seringueiro Sabino sente-se inconformado com a perda de sua amada e trama um plano hediondo como vingança.

5. A condição feminina no conto *Maibi*

O conto *Maibi* narra à história de uma cabocla amazonense que se casou ainda jovem com um nordestino chamado Sabino, que veio trabalhar nos seringais amazônicos no primeiro ciclo da borracha. Na esperança de ganhar dinheiro e "fazer a vida", Sabino contraiu uma grande dívida com o dono do seringal, tenente Marciano, pois sabe-se que existia um processo no qual o seringueiro buscava ter saldo cada vez maior com o seu patrão para sair do isolamento e aprisionamento que era a natureza. Mas, caso estivesse com saldo negativo, teria que buscar qualquer tipo de solução para quitar sua dívida. Sem condições de saldar essa dívida, Sabino é obrigado a ceder Maibi, sua esposa, para Sérgio, um seringueiro trabalhador que possuía saldo e assumiu a dívida do devedor.

Sabino sente imensa falta do carinho e da companhia da amada *Maibi*. Apesar de compreender que junto da esposa nunca conseguiria saldar sua dívida, pois já se encontrava muito alta, sendo assim, seria impossível ter novamente sua liberdade:

> "[...] cabocla linda [...] tentação que lhe chegara para atrapalhar a vida, pois, se estivesse sozinho, nessa época, labutar no alto, na seringa, estaria certamente a essas horas no seu querido Ceará[...] "Tirar saldo" é a obsessão do trabalhador, no seringal. E como não ser assim, se o saldo é a liberdade?" (*IV*, p. 122-123).

O conto é composto por 12 páginas inicia-se com a negociação de *Maibi* e a noção de comercialização da figura feminina nos seringais amazônicos durante o ciclo da borracha. *Maibi*, é cedida por seu marido Sabino, para outro seringueiro, Sérgio, que se dispõe a pagar uma alta dívida do seringueiro devedor ao tenente Marciano, com quem procede a negociação no armazém do seringal:

> - Então, o negócio está feito... estamos entendidos. Você nada me deve e deixa a Maibi com o Sérgio.
> - Sim senhor, respondeu o escanzelado, retendo um suspiro.
> Pronunciava-se este diálogo junto ao balcão do armazém, entre o tenente Marciano, dono do Soledade, e um seu freguês, o Sabino de Maibi. Quando a operação hedionda finalizou assim, de uma assentada, entre dois homens[...] (*IV*, p.121))[5].

[5] Doravante a obra *Inferno Verde*, de Alberto Rangel, será referenciados através de siglas *IV*, seguido da página.

Desta forma, *Maibi* simboliza o objeto de valor e negociação entre patrão e empregados, já que o personagem Sabino saldou sua dívida ao negociá-la. Sabemos através do narrador que esse fato era algo comum nos seringais amazônicos:

> O Sabino devia ao patrão sete contos e duzentos, que a tanto montava a adição das parcelas de dívida de quatro anos atrás, e cedia a mulher a um outro freguês do seringal, o Sérgio, que por sua vez assumia a responsabilidade de saldar essa dívida. O mais comum dos arranjos comerciais, essa transferência de débito, com o assentimento do credor, por saldo de contas." (*IV*, p.121).

Assim, o ser feminina é claramente exposto como mercadoria negociável entre patrões e empregados do seringal. *Maibi* representa aos olhos de ambos uma "mercadoria valiosa" e somente o seringueiro que tivesse saldo poderia desfrutar de sua companhia, por isso Sabino, que estava com saldo negativo fora obrigado a ceder a esposa para outro seringueiro que possuía saldo positivo.

Feita a negociação, *Maibi* deixa a companhia de seu marido, "o Sabino da Maibi", e vai viver com Sérgio em uma colocação, no centro, à margem oposta ao seringal Soledade.

Maibi é uma personagem sem voz durante a narrativa, pois não tem nenhuma fala sua registrada, ironicamente, somente os personagens do sexo masculino possuem expressão verbal neste conto, embora ela, *Maibi*, seja a personagem principal que, inclusive, dá título à narrativa. A inexistência de falas dessa personagem é algo expressivo e tocante, embora naquela época a mulher não possuía muito o direito de manifestar palpites ou sentimentos, estando à mercê dos mandos e desmandos dos homens, sejam eles marido ou patrão. É justamente o silêncio da personagem que chama a atenção do leitor, por se submeter aos mandos e desmandos, é negociada como mercadoria de trocas e, mesmo assim, não expressa, no decorrer do enredo, nenhum tipo de manifestação verbal.

Comercializada e explorada pelo sexo masculino, *Maibi* deixa Sabino e vai viver em companhia de Sérgio, o seringueiro que a comprou, uma vez que este possuía saldo suficiente para manter uma mulher. Nessas circunstâncias, *Maibi* não manifesta sentimento algum, uma vez que, pelas leis sociais pré-estabelecidas nos seringais, ela

era obrigada a viver com aquele seringueiro que tivesse saldo para mantê-la e, essa troca satisfazia o interesse do dono do seringal, que só ansiava por lucros: “a troca interessava ao patrão, que ficava mais seguro com o Sérgio, rapaz afamado como trabalhador insigne.” (RANGEL, 2008, p.122).

Embora tivesse se desvencilhado da dívida, Sabino sente-se inconformado com a situação, não consegue superar a perda da amada,

> [...] tinha saudade, porém, da “danada” cabocla. Ah! Os olhos dela, tigidos no sumo do pajurá; o andar miúdo e ligeiro de um maçarico; ah! Os seus cabelos do negro da poupa do mutum“fava”; o vulto roliço, as carícias ardentes da moça iriam agora aplicar-se a outro...[...] (IV, p. 123)

É possível notar no enredo do conto, a presença rara de mulheres nos seringais amazônicos, pois segundo o narrador, existiam apenas duas mulheres no seringal Soledade, espaço onde se passa a narrativa: “E então, aqueles homens, no meio dos quais havia apenas duas mulheres, se agarraram aos pares, desabalando-se a danças sobre o soalho flácido e ondulado das paxiúbas.” (*IV*, p.124). É essa escassez do sexo feminino nos seringais que estimulam a exploração sexual e a comercialização das poucas mulheres que circulavam nesses ambientes.

Há no conto, a comparação entre a exploração sofrida pela personagem *Maibi* e a exploração sofrida pelas seringueiras amazônicas, ambas movidas por questões comerciais. As seringueiras eram cortadas excessivamente para retirada do látex a ponto de morrerem. Da mesma forma, *Maibi* é comercializada no seringal e, esse ato comercial acaba provocando sua morte. A metáfora entre *Maibi* e uma seringueira é notada na conversa entre Sabino e Zé Magro, empregado de confiança do seringalista Marciano:

> - Bom-dia hoje?...Leite muito, hein? Indagou o Zé Magro.
> Sabino respondeu-lhe, dominando a custo a comoção que o abatia:
> - Nem por isto... E, esforçando-se por se acalmar: - botei “uma madeira em pique”, pau monstro, “apaideguado”... E boa que admira... É para doze tigelas. Só ela dá um “frasco”. Eu não via o diabo. Passava junto e não dava com a bruta... E no entanto estava logo depois da primeira “manga”.
> O outro, surpreso da serenidade de Sabino, resmoneou desconcertado, referindo-se ao capricho costumeiro da “mãe da seringueira” que escondia as árvores. E, para disfarçar a espionagem, revelou-se curioso:
> - Bem queria ver esse pau... se é o que você diz!

> - Pois vá, replicou Sabino. Há de se admirar, e você, apesar de não ser nenhum "brabo", nunca viu coisa igual. Fica logo ao pé de um açacuzeiro, depois de um cerrado de "unhas-de-gato" e jurarás... (RANGEL, 2008, p.129)

Na citação acima a "madeira em pique" que o personagem Sabino se refere não é somente uma seringueira em estado de escoação, atrelada a esta árvore estava o corpo inerte de *Maibi*, suspenso à seringueira para que seu sangue escorresse dentro das tigelas como o látex. Nesse momento, Sabino revela a Zé Magro, por meio da comparação metafórica, o crime hediondo que cometera, enquanto Zé Magro, inocentemente, pensa nunca ter percebido a presença daquela esplendorosa seringueira, "pau monstro", "apaideguado" no local descrito por Sabino.

Assim, subtende-se que *Maibi* era semelhante a uma seringueira, cobiçada pelos homens que ali trabalhavam e, como uma árvore cortada, acabou morrendo. Esse desfecho trágico do conto ressalta a comparação da mulher como um simples símbolo de comercialização, ou como mero objeto de exploração, pois Sabino também encaixara as tigelas no corpo de *Maibi* como se fosse uma seringueira para que, em vez de leite, colher o sangue humano da mulher amada e disputada entre ele e seu colega de labuta.

Maibi representa de forma metafórica esse propósito ambicioso do homem em relação à conquista e exploração da Amazônia, capaz de cometer qualquer sacrifício se necessário for, ou os atos mais cruéis possíveis para alcançar seus objetivos gananciosos. Desde os primórdios da história o homem se coloca como o detentor de todo o poder, enquanto a mulher era considerada como o "Outro", ou seja, o ser à margem da história, e que poderia somente existir a partir do homem, e de seus desejos e projetos.

> As mulheres, não colocando como Sujeito, não criaram um mito viril em que se refletissem seus projetos; elas não possuem nem religião nem poesia que lhes pertençam exclusivamente: é ainda através dos sonhos dos homens que elas sonham. (BEAUVOIR, s.d, p. 182)

O fato que mais choca no conto, é o resultado dessa espécie de transação comercial que ocorria rotineiramente nos seringais amazônicos com a comercialização feminina, é a maneira como a personagem *Maibi* é encontrada morta. Através da voz do narrador, o crime hediondo cometido por Sabino é exposto em forma de um terrível espetáculo de flagelação:

> Atado com uns pedaços de ambécima à "madeira" da estrada, o corpo acanelado da cabocla adornava bizarramente a planta que lhe servia de estranho pelourinho. Era como uma extravagante orquídea, carnosa e trigueira, nascida ao pé da árvore fatídica. Sobre os seios túrgidos, sobre o ventre arqueado, nas pernas rijas, tinha sido profundamente embutida na carne, modelada em argila baça, uma dúzia de tigelas. Devia o sangue da mulher enchê-las e por elas transbordar, regando as raízes do poste vivo que sustinha a morta. Nos recipientes o leite estava coalhado – um cernambi vermelho... (RANGEL, 2008, p.130-131)

Metaforicamente, depois de morta, *Maibi* assume a forma de filha de uma seringueira, explorada como a mesma, vítima de seringueiros também explorados por um sistema mercantilista. O narrador procura ao final do conto explicar o significado dessa narrativa, evidenciando que a morte de *Maibi* foi motivada por algo superior ao amor e ao ciúme do personagem Sabino, representou a ganância de milhares de pessoas que viam na exploração da borracha, o melhor meio para o desenvolvimento da região, o enriquecimento rápido:

> O martírio de Maibi, com a sua vida a escoar-se nas tigelas do seringueiro, seria ainda assim bem menor que o do Amazonas, oferecendo-se em pasto de uma indústria que o esgota. A vingança do seringueiro, com intenção diversa, esculpira a imagem imponente e flagrante de sua sacrificadora exploração. Havia uma auréola de oblação nesse cadáver, que se diria representar, em miniatura, um crime maior, não cometido pelo Amor, em coração desvairado, mas pela Ambição coletiva de milhares d'almas endoidecidas na cobiça universal (*IV*, 2008, p.131).

Assim, *Maibi* morre em consequência de uma causa maior, a ambição que movia os homens naquela época, não só os seringueiros e seringalistas mas também todos aqueles que desejavam enriquecer com a exploração da borracha na Amazônia. Essa cobiça desenfreada resultou numa série de injustiças, desavenças e mortes no interior dos seringais que teve como principais vítimas duas figuras impotentes diante do sistema sócio-capitalista da época: a mulher e o seringueiro.

Maibi pode ser considerada como personagem principal do conto, embora sabe-se que, tradicionalmente, as narrativas amazonenses privilegiam a própria floresta como figura central, no entanto, há vários motivos que levam o leitor a caracterizar essa figura como principal. Primeiramente, o título do conto leva o nome da personagem, indicando a

importância dela na narrativa. Depois, tem-se a motivação que desencadeia a história: a negociação da personagem. Por fim, a morte trágica da personagem como representação de algo mais complexo. Logo, através de *Maibi*, pode-se constatar a condição social a qual a mulher era submetida na época da exploração da borracha no interior da imensa floresta Amazônica.

Considerações Finais

Este artigo realizou uma análise literária sobre a condição feminina no conto *Maibi*, presente na obra *Inferno Verde* (1908) de Alberto Rangel. Embasado em teóricos que falam sobre a relação entre literatura e sociedade, Candido (2006) e Goldmann (1976), foi possível constatar o quanto ambas se confluem na representação histórico-social de uma época. Também a questão feminina na sociedade, através da contribuição de autores como Alves e Pintaguy (1985), Beauvoir (1980), Nelly Coelho (1993), Heloísa Costa (2005) entre outras, possibilitou-nos discutir o papel da mulher dentro de uma literalidade histórico-social e de como a figura da mulher era vista na sociedade patriarcal, principalmente em relação a figura do homem enquanto detentor de todos as ordens que regiam a sociedade.

Como complemento da contextualização sobre a condição feminina na região Amazônica, utilizou-se obras de autores regionais como Márcio Souza (1977) e Arthur Reis (1977). Na análise, verificou-se que a personagem *Maibi*, representante da condição a qual a mulher era submetida nos seringais, assume a condição de mercadoria de alto valor comercial. Assim, *Maibi* representa a exploração social do ser feminino no período de extração e comercialização da borracha na Amazônia.

No conto *Maibi* também é apresentado as dificuldades e sofrimento do homem imigrante que vem para a Amazônia em busca de trabalho para retornar com saldo a sua terra, no entanto, nos seringais amazônicos depara-se com um sistema injusto e escravagista que, por mais que se esforce, dificilmente consegue obter algum saldo.

Isolados na floresta, experimentam a ânsia e o desespero para obterem saldos, sob os mandos e desmandos dos patrões, a presença escassa da mulher e, principalmente, a exploração do homem pelo homem. O ciclo da borracha na Amazônia

foi um período caracterizado exclusivamente pela exploração não só da borracha, mas também dos seringueiros e do ser feminino que, historicamente sempre ocupou papel social inferior ao sexo masculino.

Assim, *Maibi* é um conto amazônico que representa um dos períodos históricos importantes na região e fornece outras possibilidades de análises, como a imigração dos seringueiros nordestinos para a região, a condição semi-escravocrata de trabalho nesses ambientes, o desejo dos seringueiros pela liberdade, o estilo de vida nos seringais, entre outros temas apresentados na obra de Alberto Rangel.

Referências Bibliográficas

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Abril Cultura; Editora Brasiliense, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Trad. Sérgio Milliet. 2ª ed. São Paulo: Didusão Européia do Livro, s.d.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: A experiência vivida**. Trad. Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRITO, Clovis Carvalho; SANTOS, Robson dos. Percorrendo veredas: Literatura brasileira e sociedade. In: BRITO, C. C.; SANTOS, R. (Org.). **Escrita e Sociedade: estudos de sociologia da literatura**. Goiânia; Ed. Da UCG, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

COSTA, Heloísa Lara Campos da. **As mulheres e o poder na Amazônia**. Manaus: EDUA, 2005.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martins fontes, 1999.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p. 217-235.

GOLDMANN, Lucien. **A Sociologia do Romance**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GOMES, Emmanuel. **História de Todo Mundo - Um olhar sobre a história "Regional"**. Porto Velho – RO, Primmor Gráfica e Editora Ltda: 3ª Edição, 2004.

GOMES, João Batista. **Estudos sobre o autor Álvaro Maia e suas obras**. Secretaria de Cultura do Amazonas, Biblioteca Virtual do Amazonas. Acesso em 20/02/2011.

KRÜGER, Marcos Frederico. **Grande Amazônia: Veredas.** In RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**. Tenório Telles (org). 6º ed. Manaus: Editora Valer, 2008.

LEANDRO, Rafael Voigt. **Inferno Verde: Representação Literária da Amazônia na Obra de Alberto Rangel**. Brasília, 1º/2009. Disponível em:< http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/275/231.pdf.> Acessado em: 10/07/2013.

LIMA, Lucilene Gomes. **Ficções do ciclo da borracha**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

MICHEL, ANDRÉE. **O Feminismo, uma abordagem histórica**. Trad. Angela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**. Tenório Telles (org). 6º ed. Manaus: Editora Valer, 2008.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O seringal e o seringueiro**. 2ª ed. rev. Manaus: Editora da Univ. do Amazonas, 1977.

SARMENTO, Leila Lauar; TUFANO, Douglas. **Português: literatura, gramática, produção de texto**: volume único – São Paulo: Moderna, 2004.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo**. São Paulo, Alfa-Omega, 1977.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2009.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Entre o ser e o estar: o feminismo no discurso literário**. Guarapuava-Paraná, nº 25/2009, p.81-102. Disponível em: <http://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/viewFile/1125/1082> Acessado em: 01/09/2013.

ZOLIN, Lúcia Osana**. Crítica Feminista.** In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs) **Teoria Literária:** Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003.